

Letrário**editora*

Mono Parentes

Jorge Vaz Nande

Agosto 2008



álvaro

Câmara.

A câmara está voltada para mim e tem uma luz vermelha

o que significa

significa que estou a ser gravado.

Ou melhor, não exactamente eu. Não que pense muito sobre os vários eus dentro de mim. Não.

Eu sou um apresentador de televisão. A câmara já sabe quem eu sou. Ela não me quer.

O concorrente. Esse, sim, ela quer.

Tenho uma plateia de um lado e uma equipa – equipe? – equipa técnica do outro.

No público, está gente nova. E velhos. Muitos velhos reformados. E, se não fosse pelas audiências, haveria muitos mais. Não convêm muitos velhos no nosso horário. Há demasiada gente nova a ver. E a gente nova não quer ver velhos. Não vende. Mas eu vendo. A gente nova quer ver-me. Ou não se importa. Ao menos isso. Valho mais.

Na equipa, há um realizador. De vez em quando, manda parar as coisas. O concorrente engasgou-se, disse um palavrão sem querer, eu rio-me, ele diz *corta*, as coisas param. É assim que tudo funciona. A pouco e pouco. Como a vida, diriam uns. Eu não digo.

Eu sei lá o que é a vida. Melhor: sei que a vida não existe fora daqui. Estas luzes, estes cenários escuros, o concorrente. Sua. Bebe água. Passa a mão pelo cabelo. Coça o nariz, belisca o nariz, assoa o nariz a um lenço. O lenço está sujo. Assoa-se demasiado alto. *Corta*, as coisas param, o concorrente sua ainda mais, bebe ainda mais água, coça ainda mais o nariz. Olha para a família na plateia. Dizem-lhe que está tudo bem, espetam os polegares para fora das mãos. Como em Roma. O imperador decide a vida. Não há vida fora daqui, penso eu. Verei alguma vez um polegar apontado para baixo? Nunca. Por isso me pagam tão bem. Aqui, neste estúdio, o lugar onde passo um dia por semana, não existe a derrota. Mesmo quando se perde, eu descanso, ponho a mão no ombro do concorrente, passo para outra. A vida é passar sempre para outra. A pouco e pouco.

Não existe vida fora daqui.

Esta gente sai para a rua e cai-lhe a capa em cima. Esconde-lhe os olhos famintos, a boca sedenta, o corpo ansioso. Aqui, são todos predadores. Se o concurso fosse espetar garfos nos corações dos outros concorrentes, eles vinham na mesma. O dinheiro.

Não existe. Não existe.

Eu já fui jornalista. Bebe água, concorrente, bebe água à vontade. Pensa bem no que vais responder.

Eu já fui jornalista.

Eu sei mais do que descansar-te, pôr-te a mão no ombro, passar para outra.

Eu não preciso disto. Eu escolhi isto.

Já ouvi balas e mísseis a voarem sobre mim numa cidade demasiado longe, onde tu nunca irás. Vou dar-te dinheiro a ganhar e tu vais poder visitar a Veneza onde nunca foste, as Bermudas da água e sol, o sexo de Bangucoque. Vais a esses lugares todos e levas a mulher atrás, voltas, estás feliz, trazes fotografias, vais poder dizer que não percebes porque é que algumas ficaram pretas, estás feliz.

Mas eu já fiz com que se visse que as pessoas que moram a dois bairros de ti lavam o corpo com água da chuva, já confortei viúvas só porque fui entrevistar algum administrador de um hospital e alguma coisa havia de grave naquele sítio, alguma coisa de muito grave, a morte.

Era a morte.

E tu vais viajar pelo mundo porque há uma agência de viagens que to paga e que o faz porque tu a mostras. Ganhas-lhe dinheiro.

Tu és um herói, concorrente. Viajas pelo mundo e dás dinheiro a ganhar. Parabéns, concorrente.

Mas tu nunca viste a morte.

Eu já, concorrente. E cheirei-a. Tenho-lhe medo. Por isso estou aqui.

Só aqui a vida existe.

Quando fui jornalista, tinha uma mulher e um filho. Chegava a casa e tocava-os e via-os. Repara, concorrente, eram as mesmas mãos e olhos que tinham tocado a morte, que tinham visto a morte, que tinham chorado a morte.

Mas só no princípio. Depois, não se chora.

E tu, concorrente? Tu choras?

Deixei de ser jornalista quando a minha mulher me deixou, quando o meu filho me deixou. Não sei. Se calhar se calhar, podia chorar outra vez. E aqui não se chora.

Aqui só a vida existe.

Apetece-me chorar, concorrente. Olha para mim. Concorrente.

Olha para mim.

Pára de mexer os lábios sem dizer nada. Vou chorar.

Não. Não olhas.

Eu sabia que não olharias.

Próxima pergunta.

O quê, concorrente, como dizes? Alguma coisa, não interessa. Tenho de sorrir? Sorrio. A plateia sorri.

Estás para responder. Estás para responder.

Aqui só a vida existe. A resposta. Tenho medo.

A resposta. As luzes. A plateia.

Que dizer? O realizador. "Corta". Câmara. A luz vermelha.

Sorrio?

Sorrio.

helen

É ano novo e eu estou sentada à mesa da cozinha. Fumo. Gosto de fumar. A minha vida não presta, por isso, estou descansada. Eu sei que estrago o meu corpo. Ninguém o pode saber melhor do que eu. Sinto o fumo dentro de mim como um veneno. É uma sensação agradável. Quer dizer, estar aqui, sozinha, as luzes apagadas, o tampo da mesa branca a orientar-me na noite, o meu cotovelo apoiado nele e o fumo a passar por dentro de mim. É ano novo e eu tenho prazer em fazer isto, em deixar-me ser invadida lentamente por este, como dizer, este anúncio publicitário à morte.

A televisão está ligada. É a única coisa que alumia dentro desta casa. O Álvaro está a apresentar um especial do programa dele. Parece mais velho, o Álvaro. A televisão sempre lhe deu para engordar muito, dantes chamava-lhe o meu porco de microfone. Ele ria-se, achava-me piada. Ainda acha. Não sei, quer dizer, talvez ache. Há muito tempo que não falo com ele.

Há fogo de artifício? Há. Filhos da puta. Primeiro, as luzes. Mais de um milhão de lâmpadas nesta cidade. As pessoas a morrerem com fome e frio pelos passeios, mas ponhamos-lhes lâmpadas no céu para alumiar a agonia. Anjos. Pais natais. Deus, também estava? Não sei se o vi. Sim ou não, a piscar e a piscar. E, um mês depois, o fogo de artifício. As pessoas bêbedas. Depois de semanas a trabalhar, sentadas a uma secretária, a dactilografar cartas e memorandos, de semanas a chegar a casa, jantar, ver televisão, queixar-se de não dar nada de jeito, dormir, levantar-se no dia a seguir, os filhos para a escola, elas para o trabalho, voltar a casa e, no fim-de-semana, pegar nelas e na filharada e entrar no centro comercial à tarde e só sair à noite, filme visto e estômago consolado com fatias de *pizza*. Deitar os filhos que passaram o dia a dar lambadas um no outro e que

quase, quase viraram o copo de Coca-Cola por cima dos brasileiros *gays* ao lado, ir para o quarto, discutir, fornicar, dormir. Mais uma semana, os ordenados passam, mas chega o fim de ano e toda a gente se embebeda. O champanhe corre, vai-se às danceterias ou fica-se pela rua, o homem olha para as adolescentes que se passeiam em trajés demasiado curtos ou apertados para o tempo frio e que depois se vão queixar aos amigos que aquele homenzinho ridículo e sinistro está de olhar fixo nelas, a mulher toma conta dos filhos, que se fartam depressa da festa e ficam a bocejar um para o outro a um canto, o homem bebe demais, tem de ser a mulher a levar depois o carro para casa, dormem e acordam de ressaca e a olhar para os destroços da vida que há-de vir e a pensar ano novo, vida nova.

Eu gosto disto. O meu filho é que deve andar lá fora. Veio jantar, mas depois foi-se logo embora. O nosso filho, Álvaro. Já devias saber o que estava para vir quando não quiseste ficar com ele. Nem sequer isso, Álvaro. “O miúdo fica melhor contigo, eu, já sabes como é, estou sempre a andar de um lado para o outro, quando estiver cá venho vê-lo”. Isso foi há quantos anos? Dez? Quinze? Arranjaste bem as coisas, podes ter a certeza. O rapaz vê o pai todos os dias na televisão, acostumou-se a ter gente a perguntar-lhe por ti. Mas nunca fala contigo, por isso, inventa. Diz que o pai parecia cansado no programa da semana passada porque tinha regressado de Cuba no mesmo dia com a namorada cubana, mas eu sei que o pai só teve uma namorada cubana e já lá vão três anos (a outra de que falaram depois era só invenção de revistas, eu sei). Depois, chega a casa, janta e vai-se embora. Vai ter com os amigos.

Eu não te vou mentir. Eu deixo-o ir porque não o quero cá. Não é outra a razão. O rapaz chateia-me. É monótono, sempre com aquela coisa dos vinte e poucos anos, “não trabalho porque não me quero render, não estudo porque não quero escravizar o pensamento, ó mãe, dá-me dinheiro para o concerto que vai haver no

sábado com uma banda neozelandesa muito fixe, ó mãe, acho que quero ser pintor, sabes que o Van Gogh nunca vendeu um quadro na vida, ó mãe, dá-me dinheiro para um baixo e um amplificador, é que queremos formar uma banda, por favor, ó mãe, ó mãe, ó mãe”. E eu que posso mais fazer do que dar-lhe o dinheiro e dizer vai, segue, não me chateies? Achas que eu quero saber, Álvaro, das bandas e dos concertos e das pinturas e das drogas que ele vai tomando? Isso não me importa nada. O rapaz não quer saber da vida, mas eu não quero saber do rapaz. És um filho da puta, Álvaro. Fodeste-me a vida. Deste-me um filho que não amo, uma riqueza que não amo, uma casa que não amo, uma liberdade que não amo. E depois deixaste-me.

Eu sei, eu sei. Tu não me deixaste. Foi um desvio de percurso, certo? Um capricho do tempo, que nos afastou sem que nenhum de nós tivesse tido a culpa. Na altura, eu quis acreditar nisso tanto como tu. Já sabíamos que o casamento era triste, só ainda não tínhamos aprendido a alegrá-lo. Agora podíamos ser felizes. Porque achas que odeio tanto as pessoas que estão lá fora agora mesmo a fazer barulho por sentirem o ano novo a entrar? Porque elas não percebem nada. São patetas alegres, andam bêbedas com o hábito. Eu também queria isso, Álvaro. Queria ter tido a oportunidade de me habituar a que tu e o meu filho me aborrecessem. Mas, tu, nem isso. Sempre tiveste muitos princípios.

O ano já entrou? O filho da puta do ano já entrou? Ótimo. Posso ir-me deitar. Boa noite, Álvaro. Desligo a tua cara no televisor; amanhã telefono-te a contar novidades.

alexandre

É realmente terrível o modo como as coisas, tu percebes, as coisas que nos rodeiam trazem consigo uma aura, não é esta a palavra, um aroma, sim, um aroma de ataque. As coisas atacam-me, atacam-te, as coisas são obstáculos. Isto não quer dizer que impeçam, não. Quer dizer que dificultam.

Sim, nós vamos passando por elas, certo, ou seja, a vida é um carrossel onde há muitos sofás para as pessoas se sentarem, mas se estivermos de pé no meio do carrossel e com os pés suficientemente elevados em relação ao nível do chão para que o atrito cesse, levamos com os sofás e os cavalinhos nas trombas. E isso, minha querida, não é uma sensação agradável.

Enfim, serve esta carta para te dizer que me vou finalmente suicidar. Não sinto nada de agradável. A existência, parece-me, deve ser pontuada, sarapintada, aromatizada com algo de mel de vez em quando, mas eu não encontro nenhum. Deduzo assim que a minha existência foi concebida com defeito, que sou um mau produto de fábrica. À minha alma, diria um budista, faltam milhares de quilómetros até atingir o nirvana.

Por falar em nirvana, lembras-te de estares deitada comigo no tapete do quarto? Os auscultadores tapavam-te as orelhas, porque na altura eu não tinha muito dinheiro (aliás, eu não tinha nenhum dinheiro – os meus pais, sim, tinham dinheiro, e eu passei toda uma adolescência e um bom bocado de juventude e, presumo, passaria uma vida inteira desgostoso a exorcizar os pais do meu corpo), e por isso ainda não dava para comprar auscultadores pequenos, os fones, não sabemos que mais chamar-lhes, estamos entupidos pelo plástico dos catálogos, tu percebes-me,

não, tu não me percebes, as jóias que o teu pai vende na loja ofuscaram-te o canal ocular ou lá como se chama o que tens dentro da cabeça a fazer a ligação entre os olhos e o cérebro, penetraram-te tal como eu te penetrei naquela vez, recordas-te? Era a primeira vez, minha pelo menos, tua nunca me importou saber. Sim, posso afirmar isso, não, posso afirmar com toda a segurança que a minha primeira foda foi uma foda sem amor, o que, à maneira do que dizem muitos cépticos e pessimistas por esse mundo fora, não é nada de mau. Pelo contrário, devo-te dizer que foi bastante agradável, quanto mais não fosse pelo prazer de te ter persuadido a ceder. Sim, confesso-te que me dá prazer ganhar consciência das vigarices que preguei, e isso deve-se, vê lá se percebes (perceber é ver e, no teu caso, com esse canal óptico, não é nada que devas desdenhar), deve-se ao facto de esse prazer ser só meu, como devem ser todos os prazeres, minha querida: só meus.

Não chega para registo. Vou-me suicidar na mesma.

Não chores. Caralho. Recorda-te. Recorda-te desse dia, os Nirvana a tocarem, tinhas os auscultadores na cabeça, eu olhava para ti, tu para mim, a minha mãe no piso de baixo a fazer o jantar, o vapor da panela a fazer chegar (e mais uma vez) o cheiro da comida ao quarto e, na altura em que o meu pai chegou, simultânea a ouvir-se a voz dele na televisão, já eu me tinha vindo. Não foi bom para ti, eu sei. Eu vim-me, era a minha primeira vez, só me preocupo com isso, era a minha primeira vez e tu existes mal no que a ela diz respeito.

Depois as coisas mudaram. Tu tornaste-te exigente, ou seja, tu fizeste-te exigente. Como tu soubeste fazer-te exigente! Eram prendas de anos por isto e por aquilo e pelo caralho mais velho, eram o não sei quem que olhou para mim e não sei o quê que eu olhei, era a merda do meu almoço e porque comi isto e não comi aquilo, era

aquilo que eu vestia, era o tu dizeres que devia vestir uma roupa para o dia e outra para a noite, era essa merda toda,

sim, não foi logo, tens razão. Durante algum tempo, ensinaste-me a foder. A pinar, como eu gosto de dizer. Pinar não fere o ouvido (outro sentido teu a preservar), pinar diverte mais do que fode. Fui ao dicionário, sabes o que ele disse? Que é intensificar os movimentos durante a dança, tornando-os lascivos. Aí está outra bela palavra, lascivos. Era o que tu eras nesse quarto, lasciva. E tirávamos os Nirvana e púnhamos outra coisa, sei lá, o que se ouvia na altura para dançar, talvez outro disco dos Nirvana, só uma música deles, "All Apologies", dava para dançar, já não me lembro

mordias-me o lóbulo da orelha, também foi bom de aprender,

depois, pinávamos, e eu dizia que o teu pai te havia de levar para longe e que tínhamos de foder bem, fode bem, dizia-te eu, tu calada, a música tapava o nosso barulho para os meus pais não ouvirem, ou melhor, a minha mãe, lá em baixo, o jantar, chegado o meu pai já eu estava vindo,

ainda estiveste lá no dia em que eu tirei os pósteres todos da parede,

foi depois de te tornares aborrecida, de me obrigares a ser aborrecido como tu, o tempo em que tinhas de ir fazer os deveres, eu chegava a casa, não te tinha, a minha mãe em baixo a fazer o jantar. Sem ti, só podia fazer os deveres, como tu. Dizes, fazia-te sentir mais próximo, respondo, não, não fazia. Fiz-me esperto a ocupar o tempo, o não-pinar, por assim dizer.

Tudo perdeu a piada por aí,

e agora entro no quarto, a mãe já dorme na sala, está aqui ainda o tapete da minha primeira vez e da tua qualquer coisa, as paredes estão nuas, a cama não tem lençóis nem cobertores nem colchão, a cama está nua, a cama está nua,

e eu estou a escrever a nota de suicídio na mesa do canto, ideia que não me faz grande impressão, porque eu já estava habituado à ideia de que morreria muito cedo, talvez porque sempre imaginei ver a minha família morrer toda antes de mim, primeiro tios, depois avós, a mãe lá no meio e, por fim, o pai, que ainda há dias vi na televisão a torturar um coitado qualquer que só queria algum dinheiro para viver melhor, ocasião que aproveitei, claro, para reconhecer nele os meus traços faciais,

e, acontecendo isto, que farei eu, pensava, porque eu não sei trabalhar, sabes? Eu nunca soube fazer nada. Na verdade, confirmo agora, a única coisa que me lembro de fazer e de me deixar completamente satisfeito foi pinar-te por cima do tapete, o mesmo em que pousei os pés enquanto escrevo a nota de suicídio só para não ter de pousá-los no chão frio,

eu só sei estudar, e mesmo isso nunca soube fazer muito bem, e não quero viver para além daquilo que sei que posso viver,

e, mesmo antes de, sobre uma cadeira, improvisar um nó numa corda pendurada do candeeiro, cadeira que está exactamente no tapete, exactamente sobre o sítio da minha primeira foda e da tua qualquer coisa, mesmo antes escrevo na parede com uma caneta fininha – nada de batons e espelhos, de mim ficará só uma frase em letra

fina, com rabiscos aqui e ali de desencravar a caneta do entupimento, e que pouca gente ou ninguém lerá –, escrevo o que Schopenhauer disse à costureira a quem estava obrigado a pagar pensão quando ela morreu. Escrevo *obit anus, abit onus*, o que traduzido deve querer dizer qualquer coisa como morre o cu e ficam as calças.

Aliás, lembro-me perfeitamente do teu cu, mas não da tua cara.

Fim



Jorge Vaz Nande

Nasceu em Monção, passou por Coimbra, vive em Lisboa e espera um dia chegar a Faro. É produtor de conteúdos, argumentista do Bode Expiatório e colaborador das Produções Fictícias, mas, no fundo, no fundo, o que é mesmo é *freelancer* da vida.

Letrário**editora*

Az. Torre do Fato, 2 A, 1600-298 Lisboa

http://www.letorario.pt/1_pt/900/9001.htm

+ 351 21 711 20 20

letorario@letorario.pt